

Nturudu

**Um Carnaval
Sem Máscara**



**Arlindo
Camacho**

Roger Mor

Nturudu

**Um Carnaval
Sem Máscara**

**Arlindo
Camacho**

Roger Mor

Título
Nturudu: Um Carnaval
Sem Máscara

Texto
Roger Mor

Fotografias
Arlindo Camacho

Produção
Maria Manuel Andrade

Design e paginação
Love Street Studio

Impressão
M2 - Artes Gráficas
Lda, Lisboa

Tiragem
200 exemplares

Depósito legal
a preencher

Novembro de 2020

Com o apoio de



Mensagens

“A herança permite avançar, se lhe formos ao mesmo tempo fiéis e rebeldes.” A famosa frase do filósofo Roger-Pol Droit descreve bem o *Nturudu* da Guiné-Bissau. Nos dias que antecedem o Carnaval, o país olha para as suas raízes e traz para a rua, ainda com assinalável fidelidade, o que são as manifestações culturais das suas várias etnias. Por isso, estes desfiles são viagens no tempo, onde as memórias resgatadas garantem uma valorização do passado e, conseqüentemente, um desejo de as manter vivas.

Mas há no *Nturudu* uma rebeldia que pode servir de exemplo ao mundo. Nessa altura festiva em que o mundo se costuma mascarar e fingir ser outra coisa, a Guiné-Bissau revela a sua autenticidade.

Por isso, consideramos este projeto um contributo importante na valorização deste grande evento que, a cada ano, se afirma mais consistente.

Num tempo em que, em tantos lugares, o património imaterial da humanidade está em risco de se perder, é de louvar a coragem e os esforços dos guineenses e das autoridades em manterem viva esta tradição, que se revela como uma poderosa ferramenta na coesão social do país e um valioso cartão de visita, para aqueles que ainda desconhecem a maravilhosa República da Guiné-Bissau com os seus múltiplos encantos e rico património cultural.

José Carçoço, Embaixador de Portugal em Bissau

Para a Secretaria de Estado da Cultura da Guiné-Bissau o *Nturudu* é a maior manifestação cultural do país. É, por excelência, a demonstração e o enaltecimento da identidade e da riqueza cultural da Guiné-Bissau, refletida em momentos de celebração onde a música, a dança e a criatividade artística ganham expressão. Dada a relevância deste grande encontro, que se assume, cada vez mais, como uma peça-chave para a unidade nacional, a Secretaria de Estado da Cultura considera imperativo criar condições para preservar e salvaguardar o nosso património cultural imaterial.

Dr. Francelino da Cunha, Secretário de Estado da Cultura

● **Crônica da su**
Mor 7 ○ Além do
veem 8 ● Mundo
9/22 ● Um atlas
● Presentes do
14/54 ● O (não)
do folião 16/66 ●
17/86 ○ No na b
● **Fotorreportag**
Camacho 21 ○ U
Com Rosto 112

mpresa → Roger

que os olhos

o de segredos

étnico 11/40

s espíritos

descanso

● O êxtase

ai 19

em → Arlindo

m Carnaval

Crônica da surpresa

→ **Roger Mor**

Além do que os olhos veem

É verdade, “*uma imagem vale mais que mil palavras*”, mas imagens há que nem mil palavras permitem revelar as inúmeras camadas de significados que se escondem em belezas indescritíveis. É o caso das poderosas imagens deste **Nturudu – Um Carnaval Sem Máscara**. Cada pormenor retratado bebe de séculos e séculos de existência humana, de rituais, de modos de vida e de crenças das muitas etnias que escrevem a riqueza histórica da Guiné-Bissau.

Neste momento o leitor deve estar prestes a saltar para as fotografias, se é que não o fez ainda. Não o criticamos; no seu lugar faríamos o mesmo, mas sossega-nos a certeza de que irá voltar. Dada a riqueza das imagens, vai querer perceber o que está para lá do que os olhos veem. Além dos guineenses, poucas pessoas no mundo tiveram a sorte de assistir a esta manifestação cultural que reflete muito do que é o país e da sua capacidade de se reinventar de forma colorida, genuína e o mais alegre possível. Mesmo quem já assistiu ao *Nturudu* voltará a estas palavras, porque muito do que os olhos veem são realidades sobreviventes ao tempo, às quais importa devolver o conteúdo original. Urge perceber a raiz de cada pormenor, para que esta explosão de orgulho nacional continue a afirmar-se como uma viagem a um passado longínquo, de forma a honrá-lo e a projetá-lo para o futuro.

Quando a produtora Maria Andrade nos desafiou a documentar o Carnaval na Guiné-Bissau fomos apanhados de surpresa. Na nossa ignorância, este seria um Carnaval semelhante aos demais noutras paragens da Mãe África, mas uma breve pesquisa revelou-o como o maior de toda a África Ocidental, um dos mais étnicos do Mundo e seguramente o menos conhecido de todos. Assim é o Carnaval da Guiné-Bissau, chamado *Nturudu*. Sedentos de uma boa aventura, de olhos arregalados e alma seduzida, aceitámos o desafio. O fruto está agora nas suas mãos.

Dado o cariz voluntário do projeto, o desafio era, em apenas cinco dias, documentar o espírito que se vive no país, desde a cidade de Bissau às mais longínquas tabancas, representadas no grande desfile nacional de terça-feira de Carnaval. Uma correria louca, só possível graças ao imprescindível apoio do Camões I.P. – Centro Cultural Português em Bissau, ao apaixonado adido para a Cooperação Portuguesa, António Nunes, que sonhou este projeto, e à incansável assessora de Cooperação, Paula Matos Costa. Quase nos realizaram o impossível desejo da onnipresença. Havia em nós um desassossego permanente de viver todos os momentos deste peculiar Entrudo, que viria a revelar-se, mais do que a entrada na Quaresma, uma entrada num mundo novo.

Mundo de segredos

Abraçados pelo clima tropical e por alguma agitação devido à chegada de muitos filhos da terra que vêm de propósito para a grande festa, deixamos o Aeroporto Internacional Osvaldo Vieira rumo ao centro de Bissau para um vislumbre dos preparativos para o *Nturudu*.

Mal nos fazemos à estrada, diz-nos Rui Cambraia, que conhece e nos guia pela cidade, que muito deste vai-e-vem de pessoas e toca-tocas, as famosas carrinhas azuis e amarelas usadas como transporte coletivo, já fazem adivinhar a dimensão do que estamos quase a presenciar. Fomos avisados da possibilidade de alguns contratemplos, porque o país pára durante três dias, mas seria mais correto alertarem-nos que o país vai acelerar para um ritmo alucinante e quase impossível de acompanhar pelos aventureiros, que por estes dias chegam ao país. São muito poucos ainda, mas seguramente muito mais no futuro, dado o potencial turístico do *Nturudu*.

Sob o nosso olhar desfila uma cidade cheia de vida e cor, com sinais claros de uma luta diária, que parece ser mais forte que o destino, teimosamente duro. Apesar de movimentada, Bissau, com cerca de 300 mil habitantes, está longe de ser uma capital caótica como outras em África. Ainda assim, o primeiro contacto com o trânsito serve-nos logo de travão e desperta-nos para o facto de o tempo aqui ser outro.

A primeira paragem é no Centro Cultural em Quelelé, um bairro nos subúrbios da capital. Há uma enorme agitação de pessoas, muitas delas empoleiradas nas grades das janelas para tentarem espreitar os ensaios. A maioria não tem grande sorte. Coreografias, músicas, trajes e as gigantes máscaras feitas de argila, papel e farinha, tudo é mantido sob grande segredo por cada um dos bairros que disputam o título de vencedor do setor autónomo de Bissau. A porta do Centro Cultural, fechada à chave, mantém afastados os curiosos e faz-nos sentir abençoados assim que somos convidados a entrar.

Lá dentro, o som de diferentes tambores mais parece vir do ventre desta terra quente que dos músicos, dispersos pelo pavilhão que está raiado pelo sol tardio. Uma nuvem de pó dança permanentemente no ar e não tem tempo para assentar. Corpos vibrantes dançam, uns atrás dos outros, escrevendo pura poesia orgânica em memória das diferentes etnias do país.

Não se sabe ao certo o número de etnias existentes. A maioria fala em cerca de 30, mas o número não é consensual. Há certezas apenas em relação às cinco maiores: Fula, Balanta, Mandinga, Papel e Manjaca. Mas a lista estende-se com a Beafada, Mancanha, Bijagó, Felupe, Mansoanca, Balanta Mané, Nalu, Saracole, Sosso, Banhuns, Jacanca, Cassanga, Tanda, Baiote entre tantas outras. Algumas já desapareceram: foram assimiladas por outras etnias e a outras pouco falta para a mesma consumação. O *Nturudu* é, em muitos casos, a única forma de resgatar memórias e mostrar às novas gerações o atlas étnico que é a Guiné-Bissau.

Dada a multiculturalidade e a riqueza cultural de cada etnia é extremamente difícil interpretar a avalanche de informação que nos confronta, com a agravante de que a maioria das pessoas é mais fluente em crioulo, que nós não dominamos.

Num quintal, perto do Centro Cultural, com portão fechado e salvaguardado de olhares alheios, movimenta-se um grupo de jovens, de nariz e boca tapados, que nos olham, inicialmente, com estranheza. Não é comum entrarem estranhos nestes “esconderijos”, mas bastaram dois dedos de conversa para nos revelarem o sorriso escondido atrás dos panos. As pistolas de tinta pulverizam uma nuvem de cores garridas e o ar é irrespirável. Mas não há tempo a perder, faltam apenas algumas horas para o desfile de Bissau. Inúmeras máscaras, espalhadas pelo quintal, aguardam a sua vez para serem pintadas ou retocadas por Eldino Pansau Pereira. Enquanto pinta, com a destreza e mestria de um artista experiente, Pansau explica-nos o significado dos elementos usados nas suas composições, desde o típico instrumento *korá* aos assustadores dragões ou divindades africanas. Descobrimos que, também aqui, existe todo um processo de transmissão de conhecimento. Na base da hierarquia estão os forradores, os mais jovens, que começam por aprender a colar o papel dos sacos de cimento, cozido em água e farinha, num molde de ferro e argila. Estas máscaras, que podem chegar aos dois metros de altura, começaram a surgir em finais da década de 70 e são hoje um elemento essencial no *Nturudu*.

Dos seis bairros que desfilam pela capital, dois sairão vencedores e representarão o setor autónomo de Bissau no desfile nacional. A caminho do centro de Bissau, uma nova paragem, desta vez em Chão de Papel Varela, um bairro próximo do agitado e famoso Mercado de Bandim, o maior da capital.

Um enorme armazém com máscaras espalhadas por todo o lado revela-nos que aqui se aposta forte neste elemento figurativo. Elson Gomes, conhecido como Yafai, é o criativo das máscaras deste bairro. Enquanto as inspeciona, Yafai explica-nos o que procura transmitir com elas. A principal mensagem é um apelo à união do país, que deve olhar para a diversidade étnica como uma riqueza, e não uma fraqueza que divide a sociedade. Quando questionados sobre a possibilidade de vencerem, tanto em Chão de Papel Varela como em Quelelé, há fé de a vitória ser certa.

Já estávamos completamente integrados no ambiente de festa que se fazia sentir, quando a nossa visita é interrompida, ao cair do sol. Somos avisados por Ernesto, o coreógrafo de grupo, que é hora de um ritual; infelizmente para nós, reservado aos guineenses. Os anciãos do bairro vão juntar-se aos mais novos para pedirem proteção aos antepassados, como sempre fizeram, para que possam sair vencedores no encontro de amanhã.

Um atlas étnico

A vida são dois dias e o Carnaval são três... só se falássemos de meses e ainda assim o ditado continuava a não representar a realidade da Guiné-Bissau. Semanas e semanas de trabalho intenso são reveladas no sábado que antecede o Carnaval. Até aqui, o desfile era realizado pelas ruas da capital, apinhadas de gente que clamava orgulho ao ver passar o seu bairro. Em 2020, dada a crescente dimensão do evento, o desfile ganhou um novo palco, o Estádio Nacional 24 de Setembro. Uma solução que, apesar de mexer na autenticidade, veio dignificar o *Nturudu* e assegurar maior visibilidade para quem assiste, como viríamos a perceber mais tarde.

No sábado de manhã a cidade está um alvoroço. Há inúmeras bancas ambulantes ao longo das ruas, onde é possível comprar desde o melhor caju do mundo, um dos principais produtos locais, até às pequenas bolsas plásticas de sumos naturais de cabaceira e veludo. Pelos bairros, os grupos começam cedo a aquecer os corpos e a afinar os instrumentos. Por isso, quando ao início da tarde se dirigem para o estádio, os grupos fazem uma contagiante festa pelas ruas. Presenciar este momento é verdadeiramente folhear um atlas étnico. Animados foliões, com impressionantes trajes típicos e os mais curiosos adereços, dançam a caminho da arena, onde vão desfilar perante milhares de pessoas e um júri de sete elementos, que avalia, sobretudo, a autenticidade.

A celebração do Carnaval, presente em todo o mundo, ganha contornos especiais na Guiné-Bissau, já que é reflexo de grandes transformações sociais vividas pelo país. Para entender o fenómeno valeu-nos o precioso testemunho de Albano Mendes, diretor do Museu Etnográfico Nacional, que esteve connosco à conversa para revelar os infindáveis significados do *Nturudu*, que todos os anos tem um lema. Em 2020 foi o "Reforço da Identidade Nacional e Transformação Social".

Precisamos de recuar no tempo, até à época em que o ocidente impôs o Carnaval às colónias, espalhadas pelo mundo, para começar a perceber o *Nturudu*. Daniel J. Crowley, um conceituado antropólogo cultural, escreveu em 1989 que o Carnaval foi "uma das poucas influências do colonialismo bem aceite pelas populações aborígenes". No entanto, e devido às fortes tradições locais, África foi o continente que ofereceu mais resistência ao fenómeno. A Guiné-Bissau é a "exceção", um "caso de estudo", nas palavras de Crowley. Talvez tivesse razão.

Albano Mendes explica-nos que até à independência, em 1973, o Carnaval era uma festa de brincadeira e transgressão, em que as pessoas tapavam a cara com máscaras e panos para anonimamente fazerem pequenas maldades e ajustes de contas com amigos ou inimigos e vingarem-se de amores não correspondidos. Eram comuns as máscaras de heróis impostas pelo ocidente, mas já nessa altura se viam algumas referências étnicas. Um exemplo era a máscara de cabeça de boi, típica nas cerimónias dos Bijagós, uma etnia que habita o arquipélago com o mesmo nome, e que conta 88 ilhas e ilhéus. Diz quem conhece que é um dos últimos paraísos na terra.

Segundo testemunhos orais, após a independência da Guiné-Bissau, em 1973, o ambiente de transgressão manteve-se, mas algo de mágico começou a acontecer. As máscaras de super-heróis começaram a cair em desuso, ao ponto de hoje em dia serem muito raras, e a representação das tradições de cada etnia foram ganhando destaque. Em 1979, realiza-se pela primeira vez o desfile nacional, que daria origem ao que é celebrado atualmente. Com o decorrer do tempo e cientes do potencial do encontro quer para o turismo quer para a coesão social, as autoridades têm trabalhado para fazer do *Nturudu* o maior Carnaval de África. E estão no bom caminho.

Cada grupo tem entre 50 e 150 elementos, representa as etnias que bem entender e dispõe de vinte minutos para convencer o júri de que é quem melhor recria as realidades ainda vividas em muitas tabancas. Mal começa o desfile, os nossos olhos são inundados com os principais momentos da vida social das etnias e da sua relação com o Universo. As cerimónias das colheitas, o casamento, o fanado – ritual de passagem à vida adulta – e os funerais são as representações mais comuns.

O fanado varia muito de etnia para etnia, mas continua a ser um ritual de grande importância. Na etnia Balanta, uma das mais numerosas do país, conhecida pela sua habilidade agrícola nas bolanhas de arroz, o ritual implica que os jovens barrem o corpo com uma argila cinzenta e o decoram com uma espécie de argolas de madeira. Num complexo processo que dura meses, estes jovens são obrigados a viajar de tabanca em tabanca, a ajudar nos campos agrícolas, e só depois de uma série de cerimónias ganham o estatuto dos *N'aies*, os homens “grandes”. No regresso a casa, ainda os espera uma competição entre as *moranças*, para escolher quem é o mais ágil e quem melhor canta na tabanca. *Morança* é o conjunto de cabanas familiares, dispostas de forma circular ou triangular, onde vivem pessoas da mesma família paterna ou descendentes de um avô.

O fanado das diferentes etnias é um ritual associado à circuncisão dos rapazes e à polémica excisão feminina, entretanto proibida e criminalizada na Guiné-Bissau em 2011.

Outra das maiores etnias do país é a Fula, que além dos dotes de pastoreira, é conhecida pelas suas capacidades para a dança tradicional e música, sobretudo na flauta e no cordofone *nanhero*. A sua forma de dançar, contorcendo o corpo e montando gigantes torres humanas, faz deles um dos símbolos da vivacidade das festas. Os Manjacos, conhecidos pela sua colorida tecelagem, brilham ainda mais graças ao óleo de palma, que derramam sobre o corpo nas cerimónias. Da etnia Mandinga, tocadores de instrumentos por excelência, o destaque recai na representação do *kankuran*, um homem completamente coberto de ráfia, com uma catana em cada mão e que protege a tabanca. No desfile é comum substituir a ráfia por tiras de tecido, mas o original é em ráfia batida e constitui uma figura assustadora, ligada aos rituais do fanado. Ainda hoje, o *kankuran* costuma vaguear durante a noite, para assegurar que ninguém ameaça a tabanca. Ele é também um mensageiro, porque se algo de ruim acontece a uma criança é o *kankuran* que leva as más-novas ao pai.

Não é fácil identificar os rituais e as etnias, sobretudo para quem, como é o nosso caso, assiste ao *Nturudu* pela primeira vez, mas aos poucos lá começamos a identificar os Papel, através da cabaça que utilizam para extrair o vinho de palma, as carapaças de tartaruga usadas em cerimónias Bijagó ou o casamento dos Balanta, cerimónia em que as mulheres dançam com um guarda-sol aberto.

Como sociedade profundamente animista, a maioria acredita na vida para além da morte, por isso as cerimónias fúnebres são festivas, sobretudo quando a pessoa teve uma vida longa. Esse ritual, chamado *choro*, junta familiares e amigos, que durante uma semana comem, bebem e dançam ao som do *bombolom*, um tambor feito a partir de um tronco de bissilão. Verdadeiros momentos de êxtase celebram a partida do espírito, que se liberta do corpo. No *choro*, algumas etnias têm por hábito transportar o corpo do defunto, numa espécie de maca, de cabana em cabana para descobrirem as causas da morte ou de algum impedimento de o espírito partir em paz. Trata-se de um ritual representado no *Nturudu*, com recurso a um boneco de trapos que simboliza o defunto.

Para a maioria dos guineenses, os espíritos vivem em tudo o que existe, desde a água às estátuas que criam, passando pelas árvores, pelas rochas e pelos animais. São os espíritos que protegem as tabancas, e, se algo corre mal, há que os apaziguar e pedir-lhes proteção. É muito comum o recurso a amuletos e ao sacrifício de animais, sobretudo galinhas, para agradar aos espíritos, assegurar a saúde das pessoas ou pedir uma boa colheita, uma realidade que alguns grupos fazem questão de representar no *Nturudu*.

A riqueza do que se assiste é de tal ordem que nos vem à cabeça a ideia de um *libreto*, como é comum na ópera; seria uma ajuda preciosa para entender o tanto que os olhos veem.

Terminado o desfile dos seis bairros, quando saímos do estádio, percebemos que este espetáculo “*não é para inglês ver*”: é mesmo um reflexo da genuinidade deste povo. Depois de horas e horas a dançar, já vai a noite alta, os corpos teimam em não parar. Desde crianças de tenra idade até aos “grandes”, todos parecem marionetas nas mãos de uma divindade da dança que se recusa a parar a festa. Até um comum pé-de-chumbo ocidental, quando se dá conta, tem os pés dominados por essa divindade. E os vencedores ainda nem sequer foram anunciados... mas a festa sobrepõe-se à competição.

Presentes dos espíritos

Quem terá vencido? A questão desperta-nos na manhã de domingo. Basta sair à rua para saber a resposta: os grupos Íris de Brá, do periférico bairro Brá, e Chão de Papel Varela vão representar Bissau no grande desfile nacional. Estávamos com sorte, pelo menos tínhamos visitado um dos vencedores. Mal sabíamos nós que a melhor notícia estava para vir...

É difícil não pensar nisto: se o desfile regional foi o que foi, como será o desfile nacional? Talvez seja multiplicar toda esta festa por nove, o número de regiões que participam na competição: Bijagós, Gabú, Quinara, Bafatá, Biombo, Oio, Tombali, Cacheu e Bissau. Cada região participa com um grupo, Bissau com dois e, este ano, conta com a participação de um grupo da UNDEMOV, uma associação de pessoas com deficiência, o que reforça o poder de inclusão do *Nturudu*.

Segundo o calendário oficial da organização, os desfiles regionais aconteceram na semana anterior por todo o país. Qual não é a nossa surpresa quando descobrimos que a região de Cacheu adiou o desfile para a tarde deste domingo. Isto sim, era um presente dos espíritos e não seria de bom-tom negá-lo. Próximo destino: Cacheu.

A cidade dista cerca de 100 km de Bissau, para noroeste. A estrada, apesar de alcatroada, não permite grandes velocidades, quer por uma ou outra “cratera”, quer pela quantidade de vida que ladeia a via. Sair da capital e ter contacto com a natureza e as etnias no seu estado mais puro é uma verdadeira dádiva dos deuses. A surpresa é constante, quer seja pela beleza e grandeza da árvore sagrado do poilão, pelos largos rios flanqueados de matas frondosas e verdejantes, o cantar da selva, as palhotas alinhadas nas *morangas* ou o modo de vida das pessoas, que nos deixa curiosos ao ponto de sonharmos em parar em todas as tabancas. Mas não temos tempo, o desfile de Cacheu não espera. Os sorrisos e acenos são uma constante na viagem e demonstram a hospitalidade de um povo cuja cultura tem tanto de enigmática como de fascinante.

Curiosamente, a presença portuguesa iniciou-se nesta região, em 1588. Cacheu era conhecida pelo seu porto de águas fundas, ideal para o transporte de ouro, marfim, especiarias e escravos. Era uma terra de comerciantes portugueses e cabo-verdianos, mas também o pouso de aventureiros, aqui chamados “lançados”, e de condenados ao exílio, os “degredados”. Memórias de um passado duro e sangrento ensopam-nos o pensamento. É difícil passar por aqui e não enxergar que a vontade cega do ocidente em uniformizar o mundo resultou num gigante fracasso. A ganância humana reduziu tudo a bens materiais e obrigou este povo a lutas intermináveis. Conseguiu recuperar a liberdade, mas no terreno ficaram tanto as marcas que revelam a dor como a esperança guineense, que resistiu a tudo e continua viva, uma esperança que se veste de *Nturudu* e sai à rua a dançar. Só mesmo a alegria deste povo, o ritmo da dança e as cores garridas conseguem dispersar este nosso sentimento de agonia em relação ao passado.

O desfile regional de Cacheu é mais uma oportunidade para ver ao vivo a forma como o *Nturudu* mexe com as comunidades. Toda a cidade se envolve para desfilar ou apoiar o seu bairro. São centenas de participantes, ao longo da larga avenida principal, à espera da sua vez para desfilar na praça, perante os olhos do júri. Enquanto se espera faz-se a festa. É impressionante.

Milhares de pessoas amontoam-se à beira das estradas e é preciso procurar uma brecha para espreitar o desfile. O melhor dos camarotes são os ramos das árvores, onde muitos se empoleiram, mas falta-nos o bilhete da agilidade para aceder a tal privilégio. Durante toda a tarde, soa a alegria e o calor da música guineense, ritmada pelos *dundumba*, *findon*, *ondam*, *tantam* e *djimbé*. É difícil descrever a energia dos tocadores destes tambores, mas a fazê-lo diríamos que é sobre-humana. O mesmo diríamos das gigantes torres humanas que desafiam a lei da gravidade e da capacidade de dançar deste povo, que nos prova que a dança está no seu ADN.

Cada grupo, por norma, além das diferentes etnias e das máscaras, tem uma rainha incumbida de fazer um discurso. O crioulo é uma barreira, mas conseguimos perceber que se mantém o mesmo tom de contestação ouvido nos discursos em Bissau. A situação política, a gritante desigualdade social, a falta de oportunidades e o abandono a que algumas zonas do país estão condenadas marcam os discursos reais. Gritam em apelo à união dos guineenses, à proteção da biodiversidade e dos valores culturais e à sustentabilidade dos recursos do país. O pouco que entendemos é suficiente para nos emocionar e nos deixar a pensar sobre o futuro deste país encantador. Uma coisa é certa, o *Nturudu* é uma excelente resposta à questão da coesão social, num país com tantas etnias, tão diferentes e todas tão ricas culturalmente.

O (não) descanso do folião

Ser vencedor regional pode implicar uma grande viagem até Bissau. Para algumas regiões, sobretudo as mais longínquas, como o arquipélago dos Bijagós ou a sulista Tombali, deslocar dezenas de participantes, máscaras gigantes, animais para alimentar o grupo e para levar ao desfile e uma equipa de apoio é um processo moroso e dispendioso. Mas o que falta em recursos sobra em criatividade e os vencedores regionais não faltam por nada ao desfile nacional.

Em Bissau, ao anoitecer de domingo, começam a chegar os grupos regionais, que vão pernoitar em recintos escolares. Era fácil prever o ambiente e nós quisemos ir para o sentir.

Segunda-feira gorda às primeiras horas da manhã. A escola que acolheu os grupos das regiões de Quinara, Tombali e Bijagós transborda de vida. O pátio está transformado numa grande tabanca. Há mulheres à volta de várias fogueiras, onde já fervem grandes panelas de arroz branco e caldo de *mancarra*, ou amendoim, em português. Um grupo de rapazes tenta apagar das máscaras as marcas da longa viagem. Alguns homens brincam com um burro, trazido para o desfile, para representar as técnicas ancestrais de cultivo. Dentro dos pavilhões de descanso há imensos jovens, todos à conversa, uns a dançar, outros a cantar. A maioria dos colchões improvisados, espalhados pelo chão, estão vazios. Aqui ou ali encontramos pequenos grupos a relaxarem, mas a maioria tem mais que fazer. Há quem improvise o chuveiro para o banho matinal, um grupo de raparigas conserta a ráfia das típicas saias Bijagó, rapazes retocam os chapéus com penas de aves. São jovens Felupe, a etnia conhecida pela sua perícia na caça, que desfilam no *Nturudu* ostentando as suas lanças e estes chapéus decorados com penas. Ao lado, um animado grupo de mulheres faz soar umas estridentes palmadas, instrumento feito a partir de ramos de palmeira. É outra das tradições Felupe, cujas mulheres, nos rituais, enfeitam a cabeça com búzios e conchas e fazem soar este instrumento enquanto dançam.

Nesta reunião de todas as etnias, vive-se um ambiente misto de competição e cooperação. Todos lutam pelo primeiro lugar no desfile, até porque os seis milhões de Francos CFA atribuídos ao vencedor, mais de nove mil euros, são uma preciosa ajuda, mas o ambiente geral é de autêntica fraternidade. Para muitas destas pessoas, que vêm das mais afastadas tabancas, *Nturudu* é muitas vezes sinónimo de reencontro com os amigos de anos anteriores, uma oportunidade de negociação comercial ou, até quem sabe, de um namoro.

À medida que a manhã avança, sentimos o ritmo nesta tabanca improvisada a aumentar, mas assim que saímos da escola percebemos que o ritmo é coletivo e cresce por Bissau inteira. E pensávamos nós que a segunda-feira, como não havia desfiles, seria mais tranquila. Uma multidão em festa passeia-se, brinca e dança por estes dias... e noites, claro. “Chegam ao desfile estourados”, pensamos nós. A surpresa estava para vir, quando chegámos às traseiras do estádio, na terça-feira de carnaval.

O êxtase

“Tínhamos a informação errada e chegámos atrasados”, pensámos nós, tal era a festa que se ouvia. Mas não, estávamos certos, faltavam três horas para o desfile e estavam apenas a aquecer. O ambiente é indiscriminável e para o entender é preciso vivê-lo. Uma vasta equipa de militares tenta impor a ordem. Para obrigar ao cumprimento das regras têm, muitas vezes, de recorrer à força, com a ajuda de uma verdasca, que dissuade qualquer um de passar onde não deve. Não é fácil conter esta multidão em festa, mas em nenhum momento sentimos insegurança.

Sob um sol abrasador, que facilmente leva à desidratação, ninguém pára de dançar, nem que seja por breves instantes. É inacreditável. Mesmo os que acabam por tombar no chão, depressa se recompõem com uns goles de água e com a ajuda da Cruz Vermelha da Guiné-Bissau, que presta apoio no evento. O estádio vai enchendo até ficar repleto, com os 12 mil lugares sentados e mais uns quantos milhares de pessoas que não precisam de assento para fazer a festa. À entrada do primeiro grupo, já passava das seis da tarde, ocorre uma explosão de alegria, dentro e fora do estádio. É uma experiência fascinante.

Como comprovam as imagens, o *Nturudu* é um encontro de rara beleza, pelas cores garridas, pelos trajes, pela conjugação improvável de incríveis acessórios e pelos corpos esculturais, muitas vezes seminus, que incorporam a energia de rituais ancestrais. Em conversa com o diretor do Museu Etnográfico, percebemos que muitos dos grupos femininos dançam em tronco nu porque essa é, ainda hoje, a realidade de muitas mulheres guineenses, que apenas tapam os seios quando saem das tabancas. A nudez do tronco, quer do homem quer da mulher, não é reprovada.

Apesar de ser o terceiro desfile a que assistimos, a verdade é que não conseguimos ficar indiferentes a alguns grupos ou a pequenos detalhes. Fascinam-nos os impressionantes adereços, talhados em madeira, usados pela etnia Bijagó. São representações dos animais que adoram, entre eles a vaca, o peixe-serra, o tubarão-martelo, as tartarugas e os hipopótamos. Em relação aos hipopótamos, uma curiosidade, no arquipélago dos Bijagós, que em crioulo chamam de *bemba di vida*, “celeiro da vida”, existe a única colónia de hipopótamos de água salgada do mundo. Uma pequena amostra da riqueza deste paraíso, onde o povo, graças à sacralização de espécies e lugares, tem preservado a biodiversidade das ilhas.

As seis horas que duram o desfile são a mais autêntica lição de etnografia que algum dia tivemos. Aprendemos que as mulheres Balanta decoram o corpo com conchas de moluscos; os homens Cassanga usam uma bengala para se cumprimentarem; as mulheres Banhun, uma etnia em vias de extinção que vive junto à fronteira com o Senegal, vestem-se de preto nas cerimónias; há etnias cujos homens vestem saias em sinal de respeito à mulher; há mulheres que dançam ao som de sementes de manga, presas

nos tornozelos, e que vão enchendo com cascalho em função da idade que têm; há rapazes que dançam com remos, simbolizando a partida para “procurar a vida”, ou seja, a busca de alimento.

Outro elemento que ressalta à vista é o tecido de cores garridas e de padrões geométricos, muito comum nas etnias Papel e Manjaca. Trata-se do tradicional e valioso *panu di pinti* – pano de pente em português. Hoje em dia, são sobretudo os homens da etnia Papel que tecem estes panos, muito associados às cerimónias e que, num passado longínquo, chegaram a ser moeda de troca no comércio entre etnias. Os padrões não têm apenas uma função estética: transmitem ensinamentos, provérbios e tradições. Os *ficiáis*, assim se chamam os tecelões, escrevem subtilmente ditos populares, expressam sentimentos e registam poemas à mãe natureza. Hoje é uma bandeira do artesanato guineense e está espalhado por todo o país. Contudo, a origem do pano de pente deve-se à etnia Manjaca e o seu berço é a região costeira de Cacheu, que visitámos, e que viria a sagrar-se campeã nacional do *Nturudu* 2020. Já passava da meia-noite, quando foi anunciado o veredito que, além do primeiro lugar a Cacheu, atribuiu o segundo lugar à região de Quinara, a sul do país, e o terceiro a Chão de Papel Varela. Também as máscaras foram premiadas, ao contrário dos discursos das rainhas, que este ano não receberam o habitual prémio. Bubaque foi a vencedora da melhor máscara, seguida do Bairro de Quelelé. Em terceiro lugar, com dois vencedores, ficaram Quinara e Bolama.

Nas primeiras horas da quarta-feira de cinzas já não se supõe fazer festa, mas o povo ainda celebra junto ao estádio e nas ruas da capital. O crescente ambiente de festa, do primeiro ao último instante, culmina num êxtase, que desperta em nós o desejo de voltar para assistir de novo, pelo menos mais uma vez na vida, a este contagiante *Nturudu*.

No na bai

No na bai, ou em português, vamos embora, com uma bagagem cheia de incríveis fotografias e memórias inesquecíveis. Uma nova aventura começava: a de escolher a melhor forma de materializar a homenagem que queríamos fazer ao povo da Guiné-Bissau que nos acolheu na sua grande festa. Desde o início, tínhamos apenas a certeza de querer dar simbolicamente rosto ao *Nturudu*. Um desejo expresso nos retratos que vai encontrar na parte final neste livro. Cada rosto simboliza uma raiz desta cultura, uma etnia ou um espírito lutador que venceu o tempo e conseguiu manter vivas as tradições que o mundo moderno insiste em apagar. São estes rostos que extravasam este livro e ganham forma em gigantes cartazes expostos no Ilhéu do Rei, numa mostra que fica à mercê do tempo.

Sem qualquer pretensão de se afirmar como trabalho de investigação, este livro é sobretudo uma semente para despertar curiosidades e partilhar as sensações nesta descoberta de uma realidade completamente desconhecida, muitas vezes dúbia, onde as informações recolhidas nem sempre são consensuais. A possibilidade de existirem pequenas imprecisões neste livro é a prova de que urge fazer um estudo sistematizado desta manifestação cultural, antes que seja tarde demais e já não seja possível resgatar algumas memórias.

Os cinco dias de viagem resultaram em centenas de fotografias e num sem número de histórias vividas que tinham de ser sujeitas a um crivo. É difícil e perturbador selecionar quando tudo o que temos é verdadeiramente bom. Mas não nos restava outra saída. Optámos pela partilha de imagens que retratam o ambiente de Bissau, do país, dos bairros e dos desfiles, dentro e fora do estádio. Se pudessemos adicionar som, cheiro e calor humano a cada uma das fotografias, seria mais fácil transmitir o quão incrível é esta experiência. Como isso é impossível, para entender esta manifestação cultural na sua plenitude terá de agendar uma viagem à Guiné-Bissau durante o *Nturudu*, uma manifestação que as autoridades guineenses já pensam em candidatar a Património Imaterial da Humanidade da UNESCO. Ainda desconhecido pela maioria, este Carnaval tem tudo para se tornar mundialmente famoso e cativar viajantes sedentos de coisas novas.

As fotografias, intencionalmente sem qualquer legenda, vão trazer-lhe a sensação de estar perdido em tanta informação. É esse o propósito, porque no dia em que decidir assistir ao *Nturudu* ao vivo não vai ter legendas que o orientem, mas isso não o vai impedir de se fascinar com todos os elementos, que fazem deste encontro um dos mais impressionantes que vivemos até hoje. É um encontro intenso, surpreendente, inexplicável, mas sobretudo genuíno, sem artifícios a camuflar o enorme orgulho dos guineenses na sua cultura e na sua diversidade étnica. É essa autenticidade que faz deste **Nturudu Um Carnaval Sem Máscara**.

Fotoreportagem

→ **Arlindo Camacho**

















































































































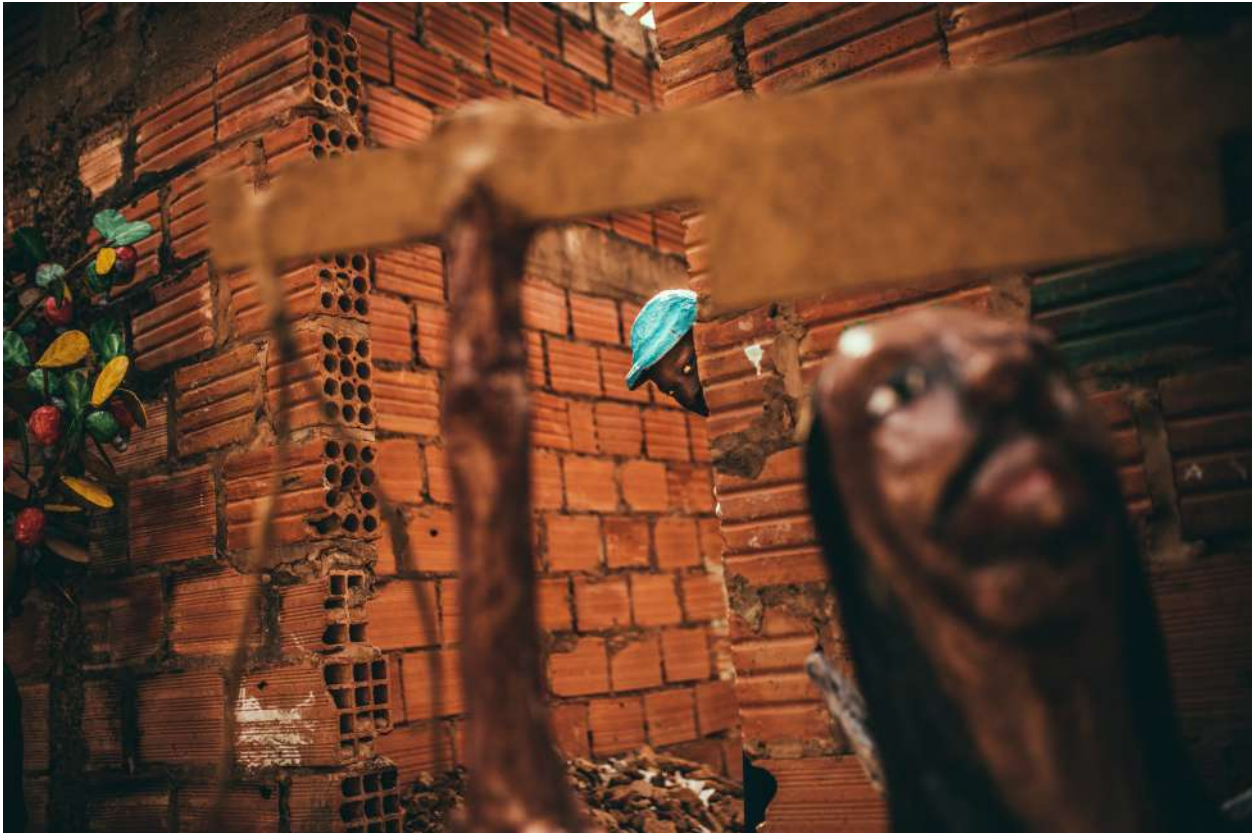


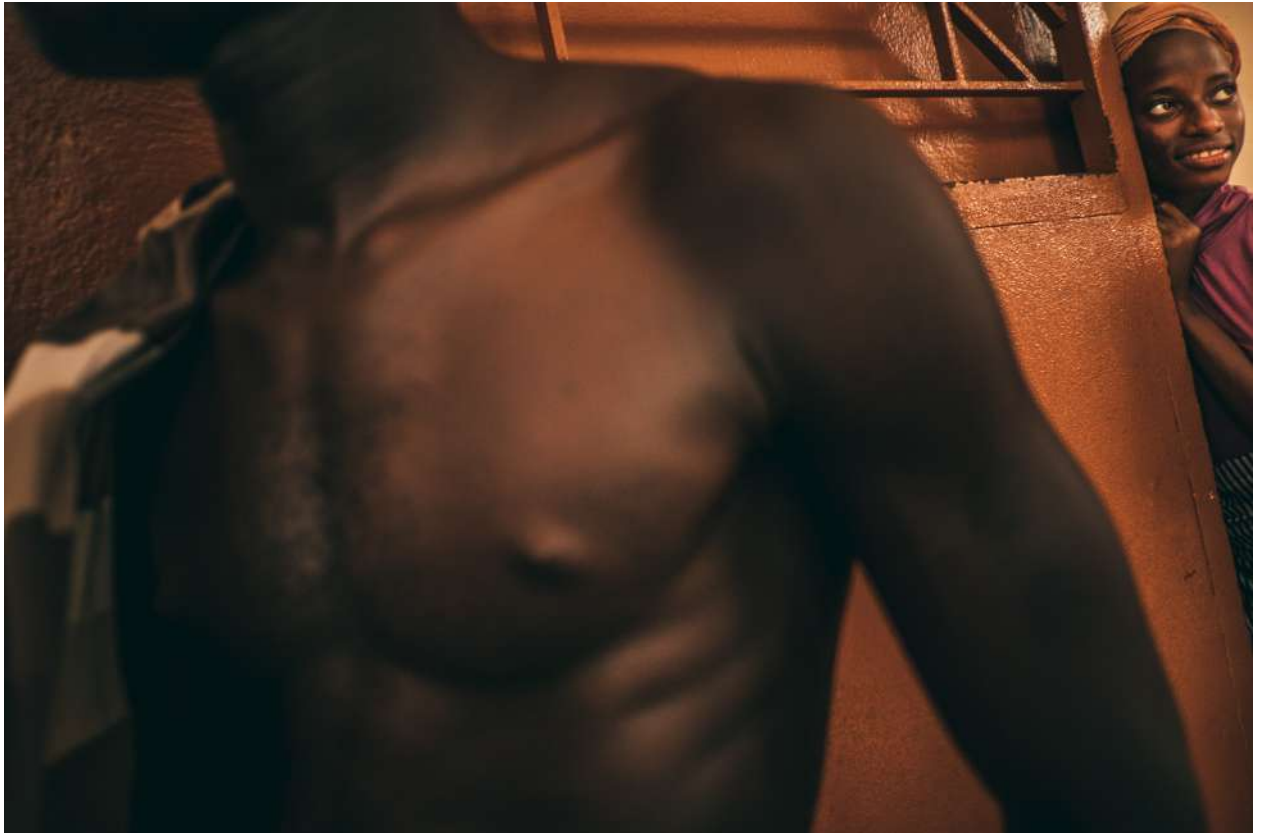
































































Um Carnaval Com Rosto

Intenso, festivo, único, mas sobretudo genuíno, sem qualquer disfarce a camuflar o orgulho dos guineenses na sua diversidade étnica, assim é o *Nturudu* da Guiné-Bissau. Das colheitas ao fanado, do casamento ao funeral, a vida inteira cabe neste encontro, onde as muitas etnias revelam a sua herança cultural. É em homenagem a cada guineense que mantém viva esta tradição, que retratámos, simbolicamente, alguns dos participantes, cujas imagens serão expostas no Ilhéu do Rei, até que o tempo as apague... porque são eles que fazem deste *Nturudu* um Carnaval Com Rosto.







































NTU RDUU